

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Maurício Dinepi

A obra de todos

10 OUT 1988

A temporada de comícios nas praças das grandes cidades abriu-se em bom estilo com o palanque que o deputado Ulysses Guimarães instalou em Goiânia, na última sexta-feira, para divulgar a nova Constituição. Comício tão bem armado que foi além da questão constitucional, para abrigar candidato à Presidência da República em eleição que vai acontecer daqui a mais de um ano, em novembro de 1989.

Os transbordamentos acontecem nos palanques. As emoções de um comício, o calor das massas, a empolgação dos discursos, a vibração dos candidatos costumam aquecer as massas às vezes com temperos imprevisíveis. Da mesma forma, políticos experientes ousam ensaiar gestos que desabrocham como se fossem algo espontâneo.

Tudo acontece. Faz parte da prática política o jogo de encenações, emoções — e até mesmo a naturalidade num comício. A longa convivência com a falta de eleições, ou sob eleições controladas, fez com que mais de uma geração de jovens desabrochasse sem conhecer um comício dos velhos tempos. Comícios que elegiam presidente da República. Comícios que, implacavelmente, também podiam destruir presidentes.

Os comícios possuíam uma força dramática que, ultimamente, ocultava-se não apenas na falta de eleição ou no controle que amarrava a atividade política. Houve, ao mesmo tempo, a difusão em massa da mídia eletrônica, que levou para os estúdios de rádio e televisão muito do encanto dos palanques das praças públicas.

Ainda assim, quando podiam usar a mídia eletrônica com liberdade, os partidos e candidatos foram agradados nos estúdios

com o velho espírito que costumava bafejar um palanque bem armado. Foi assim em 1974 com a eleição de 16 senadores do MDB contra seis da Arena. Repetiu-se em 1986 com a eleição de 22 governadores do PMDB e um do PFL, contra nenhum do PDS.

Dois anos antes da campanha de 1986, os comícios renasceram nas praças públicas com a campanha pelas diretas já e, depois, pela eleição de Tancredino Neves à Presidência. Campanha que não dispunha de horário gratuito para se divulgar nas emissoras de rádio e televisão, mas tinha bandeira, líderes e povo para levar às ruas.

Agora, temos outra oportunidade nas ruas. Mais uma ocasião que se abre aos políticos sob o impulso da Constituição que nasceu e com o bafejo das eleições municipais e a excitação da sucessão presidencial por via direta, 29 anos depois da última.

E Goiânia foi um belo começo. Resta que os políticos e partidos não transbordem os palanques com desvíos inconvenientes como alguns que aconteceram no plenário e nas tribunas da Constituinte. A democracia se faz com limites ao direito de todos se expressarem adequadamente e ao respeito às regras civilizadas do jogo.

No caso do PMDB do deputado Ulysses Guimarães, seria conveniente que a Constituição não fosse levada às ruas como uma obra de catequese política ou uma bandeira de propriedade pessoal. A Constituição nasceu como fruto de aspirações e pressões sociais que despontaram na Constituinte, sob o signo de um trabalho conjunto de todos os brasileiros. A Constituição é um produto da vocação nacional para a conciliação.